

## A FILOSOFIA NA SALA DE AULA NO ENSINO MÉDIO.

Antonio Martins de Oliveira

**Palavra-chave:** Ensino. Diálogo. Filosofia.

A característica do texto é, discorrer sobre a temática de construção do conhecimento na sala de aula do ensino médio. Dentro disso a experiência do lecionar demarca pontos nesse horizonte designado como perspectiva, onde a escola, como plataforma do ensinar em comprometimento com sua sociedade tem sido alvo de vários pontos de questionamentos e deferimentos. O ensino de filosofia tornou-se um drama dentro da dramaturgia que está hoje inserida na escola. A sociedade como um todo faz suas críticas à educação pública, onde a escola pública vem sendo caracterizada como, de mal qualidade em quase todos os estados brasileiros. É de senso comum apontar a escola como um "caos" no ensino primário, médio e fundamental. Não quero, não devo e não posso compartilhar dessa visão que realista em alguns sentidos, pode corroborar com o pessimismo que assola em algumas camadas sociais em relação à escola pública. O ensino público tem apresentado índices de avanço em alguns pontos do país em relação à inclusão, mas a qualidade vem sempre apresentando fatores desiguais variando de região em região. A filosofia não vai salvar a escola com seu *ensinar a pensar*, mas pode e deve contribuir para que a mesma não torne a avalanche de obstáculos, que, colocados a priori desestabilizam a condução e construção de um ensino onde, a ética e a responsabilidade atuem juntas filosoficamente dentro da escola como um todo. Destaco também minha participação dentro do papel fundamental do professor de filosofia, seja como educador, monitor ou orientador, onde toda aula é um fator de esclarecimento que deve ser esclarecido por um conceito dentro de uma síntese que é a escola como um todo no seu educar. Toda síntese não passa de síntese parcial, e é nisso que consiste sua validade nos conceitos como foco de atingir um objetivo, que é o todo do ensinar. Onde o esclarecimento segundo, *ADORNO (1982)* é a inteligência filosófica que, consiste, aqui, em colocar habilmente a recorrente tendência do intelecto à sincronia e em auscultar – “experienciar” em sentido profundo, os rearranjos do real tocado pelas questões que lhe são propostas pela filosofia. O sair da menoridade, para uma maioria em que; *o sujeito seja capaz de pensar por si próprio. KANT. (1998). em "A paz perpétua"*, nos alerta dos problemas de se adquirir nessa passagem, onde o professor de filosofia tem um papel importante a cumprir no seu ensinar. A sabedoria filosófica consistiria, assim, em acompanhar o desdobrar-se da temporalidade em que o real se constitui, sem violentá-la em esquemas que, muito úteis para sua inteligibilidade paralisada, pouco dizem da forma de como as coisas realmente ocorrem. No início do lecionar senti a possibilidade do ensinar como, uma prioridade dessa vertente kantiana do iluminismo, mas depois observei e constatei que, tanto o ensinar como a aula em si é um acontecimento pedagógico que define na escola, um estilo de desdobramentos que só a realidade da aula, pode nos dar: onde a realidade é o conjunto de relações que os múltiplos estabelecem entre si, relações que não podem ser antevistas ou pré vista por nenhum tipo de redução transcendental nem ontológica. É isto por uma razão muito simples: porque o tempo de realização do sentido na sala de aula, como um conceito de diálogo e explicação, não pode esbarrar em fronteiras do ensinar apenas, mas, destacar o acontecimento da aula em si. O acontecer da aula é um fato que o professor deve suscitar como singularidade em comunhão com a gênese filosófica do ensinar, pois sabemos que a priori não existe uma receita que

verdadeiramente explicaria o ensinar, mas é preciso ter uma entre outras que dialeticamente contemple as diretrizes na qual o professor e a sala de aula estejam inseridos como ética do ensinar. Portanto foi com esse espírito que iniciei meus caminhos no lecionar, sabendo que há várias teorias que foram aplicadas, como a da "Escola nova", e o seu construtivismo, a Escola libertária, com sua pedagogia anarquista, e a escola que forma para o trabalho como o Senai entre outras. Mais sei que; nenhuma delas funciona sem uma dialogicidade entre professor e aluno. Em minha experiência de "professor de filosofia", constatei que "a sala de aula é como um teatro", nem sempre o que queremos mostrar no ensinar é absorvido. Nosso preparar de aula as vezes incorre em erros, como o de um ator que prepara seu texto para ser encenado e percebe em sua apresentação o fracasso do mesmo. A sala de aula é assim temos um público de alunos que nos esperam ávidos por uma mensagem que os faça entender os significados da aula e sua relação com seu cotidiano, quando isso não acontece a aula falhou em algum sentido. Os alunos sentem-se frustrados e nós professores mais ainda. Devemos criar e inventar novos conceitos de lecionar que não fujam da perspectiva da escola e do cotidiano do aluno. Portanto devemos ser sempre humildes em nossas revisões. Não existe uma receita a priori do lecionar. O ensino está em constante devir. Esse é o nosso desafio.

#### **Referências:**

- ALMEIDA, J. Estudos Deleuzeanos da Linguagem. Campinas, SP: Unicamp, 2003.
- ADORNO .T . Industria cultural .Pensadores Sao Paulo, 1982.
- BLANCHOT, M. O Livro por vir. 13 ed. Lisboa: Relógio d'Água, 1984.
- BATAILLE, G. A literatura do mal. Porto Alegre:L&PM, 1989.
- DELEUZE, G. A Dobra; Leibniz e o Barroco. Campinas, São Paulo: Papirus, 1991
- KANT .E.A Paz perpetua.Pensadores.São Paulo ,1998